



Nossa Senhora do Castelo de Coruche: vestir a Virgem em Portugal

Nossa Senhora do Castelo of Coruche:
dressing the Virgin in Portugal

Diana Rafaela Pereira

Universidade do Porto
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar
"Cultura, Espaço e Memória", Portugal
email: dianarafaelapereira@gmail.com

Resumo - A prática de vestir imagens sagradas, remonta, tanto quanto sabemos, à Antiga Grécia e à tradição de oferecer um peplos à escultura de madeira de Atena presente no Erecteion. No contexto Cristão, o fenómeno é particularmente visível em esculturas da Virgem e do Menino Jesus. As vantagens afetivas e experienciais de vestir as esculturas, traduz-se numa relação mais íntima entre imagem e devoto. Esta intimidade é desfrutada sobretudo pelas "aias" responsáveis pelo ritual de vestir, cujas experiências e relatos pessoais são a fonte central deste paper sobre a escultura de Nossa Senhora do Castelo de Coruche (Santarém). Com 500 anos de existência, a procissão de Nossa Senhora do Castelo de Coruche começou por ordem de D. Jorge de Lencastre (1481-1550) e é muito concorrida ainda nos dias de hoje. Este texto centra-se nas imagens de vestir da Nossa Senhora do Castelo e do seu Menino Jesus, na análise do seu enxoval de têxteis, tal como no estudo da origem e a evolução deste culto e das especificidades das suas celebrações.

Palavras chave: Nossa Senhora do Castelo de Coruche / Imagens de Vestir / Esculturas Processionais / Devoção Mariana

Summary - The practice of dressing sacred sculptures goes as far back as the ancient Greece tradition of offering a peplos to the Athena wooden effigy of the Erechtheion. In Christian context the phenomena is particularly noticeable in sculptures of the Virgin and the Infant Jesus. The affective and experiential advantages of dressing the statues, would inevitably translate into a more intimate relationship between the image and the devotee. This would obviously be more resounding to the "maids" responsible for the dressing ritual, whose personal experiences and reports are the central source for this paper about the sculpture of Our Lady of the Castle of Coruche (Santarém). With 500 years of existence, the Procession of Our Lady of the Castle of Coruche started with an order of D. Jorge de Lencastre (1481-1550) and is still very alive nowadays. This paper will focus on the dressed statues of Our Lady of the Castle and her Infant Jesus, analyzing their textile trousseau, as well as the origins and evolution of this cult and the characteristics of its festivities.

Keywords: Nossa Senhora do Castelo de Coruche / Devotional Dressed Sculptures / Processional Sculptures, Marian Devotion

AS FESTAS DE CORUCHE

As celebrações dedicadas à Nossa Senhora do Castelo marcam anualmente a vila de Coruche desde há 500 anos quando, a 13 de Junho de 1516, D. Jorge de Lencastre (1481-1550), cumprindo designações de D. Manuel I (1469-1521), ordenou a realização de uma procissão solene em louvor de Nossa Senhora nas terras da comarca "dantre Tejo e Odianna" que pertenciam ao seu mestrado de Avis (Ribeiro 1959: 295) (Fig. 1).

A importância desta devoção levaria a que o povo coruchense escolhesse a Senhora do Castelo como sua padroeira e protetora, e as suas celebrações acabariam por ofuscar outras de tradição por ventura tão ou mais recuada (Falcão 2003: 94).



Fig. 1 – Nossa Senhora do Castelo de Coruche na procissão de 15 de Agosto (fotografia da Irmandade de Nossa Senhora do Castelo).

tra posteriormente existente na vila, a Nossa Senhora-a-Nova, mais tarde “da Graça” (Ribeiro 1959: 170).

Após contínuos ataques por parte dos Almóadas, e da normalidade alcançada com a conquista de Alcácer do Sal em 1217, crê-se que o culto à Senhora do Castelo apenas viria a conhecer maior fulgor a partir da referida instituição manuelina da procissão anual em 1516, e a sua Irmandade seria confirmada em 1657 (Ribeiro 1959: 170).

As celebrações da Senhora do Castelo, de carácter religioso e profano, comemoram ainda o dia do Campino a 17 de agosto. De facto, a tendência recente dos cartazes publicitários da Festa dá destaque a esta figura, mais do que à da Senhora do Castelo.

No dia 6 de agosto inicia-se a novena, no dia 14 mantém-se a tradição da missa pela Vitória de Aljubarrota instituída por D. João I (1357-1433) e à noite há fogo-de-artifício. No dia 15 da Assunção, a imagem de Nossa Senhora desce do castelo e atravessa as principais ruas da vila, devidamente engalanadas, acompanhada pela multidão e por crianças vestidas de anjinhos.

Antigamente, a procissão era encerrada por “vacas de hastes garridamente enfeitadas de flores e fitas de seda; mulas encabrestadas de cores e enfeites; ovelhas e cabras conduzidas por uma corda de flores”. Chegados à ermida, os animais davam várias voltas à porta da capela de acordo com a promessa dos donos (Ribeiro 1959: 193).

No fim da procissão é realizada a bênção dos campos. A Senhora é colocada no extremo do

Situada no local da antiga fortificação que se crê de fundação muçulmana e posteriormente reforçada por D. Afonso I (1109-1185) e D. Sancho I (1154-1211), a ermida de N.^a S.^a do Castelo nada indicia sobre a sua época primitiva (Ribeiro 1959: 65-69). De facto, apesar de ser tida como uma devoção muito antiga, nada se conhece ao certo acerca da origem do culto à Senhora do Castelo.

A tradição popular dá-a como fundação do próprio Afonso Henriques (Bento 2014: 28), o qual terá passado a dominar Coruche desde a conquista de Évora em 1165, entregando a sua defesa aos freires militares da Ordem de S. Bento de Évora (mais tarde de Avis) em 1176. No entanto, a documentação conhecida apenas refere três igrejas existentes no séc. XIII: a Matriz de S. João Baptista, a de S. Pedro e a de S. Miguel (Ribeiro 1959: 100).

Apesar da ausência de referências factuais, tem-se como certa a antiguidade da devoção a Maria naquele sítio topograficamente privilegiado sobre a vila e “propício à hierofania” (Falcão 2003: 104).

Rejeitando possíveis conjecturas, podemos apenas considerar que inicialmente aquela ermida seria dedicada a Santa Maria como era habitual (Costa 1957: 7-49), adotando mais tarde o título proveniente da sua circunscrição física, possivelmente para se distinguir de outra

miradouro de onde se vislumbra o rio Sorraia e a extensão dos campos, e o padre segurando a Custódia abençoa a vila e o vale: a terra alcançada pelo manto da Senhora está protegida e será fértil (Caeiro 2014: 199).

A tourada continua a ser parte obrigatória das festas e os toureiros e forcados têm o privilégio de subir ao altar de N.ª S.ª do Castelo, tocar-lhe o manto e beijar-lhe as mãos ou os pés do Menino Jesus.

As tradições em torno desta devoção sugerem as possíveis origens remotas deste culto. A bênção às colheitas e aos animais pode indiciar um culto anterior à Reconquista, possivelmente já mariano, reminiscência de rituais romanos de cariz agrário que prevaleceram na região (Ribeiro 1959: 57).

A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO CASTELO

A iconografia da Senhora do Castelo é bastante particular e motivo de várias lendas. O conjunto em funções é constituído por uma imagem de vestir de Nossa Senhora e uma escultura, habitualmente vestida, do Menino Jesus como Salvador do Mundo¹. Ao contrário do habitual em que o Menino está ao colo da Mãe, aqui estão os dois lado a lado. No entanto, é tradição constante que o Menino Jesus esteve outrora ao colo de sua Mãe.

Segundo o que se sabe, o Menino Jesus apresenta-se deste modo à direita da Virgem pelo menos desde finais do séc. XVII ou inícios do XVIII, visto que já no “Santuário Mariano” de Fr. Agostinho de Santa Maria, no tomo de 1718, se descreve assim:

“Está esta Santa Imagem colocada em a Capela-mor, e dentro de umas vidraças (...). Dentro do mesmo nicho (...), se vê também a Imagem do Menino JESUS, de grande beleza, e fermosura, em pé sobre uma peanha, à parte direita, quase do mesmo tamanho da Senhora (...). Afirmam muitos, que este Menino estivera em algum tempo em os braços da Senhora, porém que crescerá, (...) que por essa causa o não puseram mais nos braços da Senhora, por ficar com grande improporção pela sua grandeza. Para justificação do seu milagroso aumento, mostram os primeiros vestidos, que lhe são já tão curtos, que lhe não servem.” (1718: 336-338).

Ao longo dos vários tomos desta obra, são diversas as imagens descritas que “cresceram milagrosamente”. Refira-se o caso da imagem da Senhora da Natividade do antigo convento de religiosas de Santa Marta de Lisboa, a qual cresceu “tanto, que deu motivo àquelas mulheres para a desconhecem; o que se comprovou depois no exame que fizeram dos vestidos: porque de nenhum modo se lhe puderam acomodar por estreitos, e curtos.” (1707 t. I: 170-172).

Tais lendas podem em alguns casos ter um fundo de verdade, no sentido em que indicam a existência de esculturas anteriores, substituídas a dada altura por outras de maiores ou menores dimensões.

Apesar de vários autores defenderem que a existência dos tais vestidos mais pequenos, é apenas indício da prática comum de oferecer roupas de crianças para proteção das mesmas (Silva 2013: 32), podemos admitir, num exercício meramente supositivo, que uma primitiva escultura da Senhora do Castelo teria de facto o Menino ao colo.

Esta realidade não seria de todo desfasada, visto que grande parte das representações marianas medievais interpretam a maternidade divina de Maria, mostrando-a a segurar o Filho.

É possível que, a dada altura, por exemplo quando se iniciaram as procissões, tenha havido necessidade de se alterar a escultura primitiva. Ao longo do “Santuário Mariano” são vários os exemplos em que se adaptam e transformam esculturas, retirando-se ou adicionando-se o Menino Jesus, habitualmente amovível ou “portátil”².

1 Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora, n.ºs CO.JO.4.004 esc e CO.JO.4.005 esc.

2 A N.ª S.ª da Saúde do antigo Convento de Penha Longa, “em quanto (...) se invocou com o título da Vi-



Fig. 2 – O Menino Jesus nu e com roupas (fotografias do Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora e de Diana Pereira).



Fig. 3 – A imagem de Nossa Senhora sem vestes (desenho de Diana Pereira), com roupa interior e com traje completo (fotografias do Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora e de Diana Pereira).

Em Muge (Salvaterra de Magos), perto de Coruche, na ermida de Nossa Senhora da Glória, o Menino também se encontra ao lado da Senhora e de igual forma se conta “que em outro tempo estava em os braços da Imagem da Senhora, e por algum sucesso maravilhoso, que não poderiam alcançar, que obrou o recolheram naquele caixilho de vidraças, para estar com mais veneração e respeito.” (1707 t. II: 311-313).

Por outro lado, desconhece-se o mistério associado ao culto inicial da Senhora do Castelo. Se a partir de 1516 foi festejada no dia da Visitação, passou mais tarde a ser celebrada no dia da Assunção, o que pode ter motivado a substituição de uma imagem primitiva que teria o Menino ao colo, visto que nestes dois mistérios a Virgem aparece sozinha.

Por fim, devemos considerar que as representações de Maria e de Jesus como Menino, só se começam a individualizar no final da época dita medieval, pelo que é perfeitamente plausível que tenha existido uma imagem da Senhora do Castelo com o Menino ao colo e que posteriores substituições tenham sido interpretadas lendariamente pela tradição popular. A crer na antiguidade medieval desta devoção em Coruche, será certo que, tal como as imagens atuais já datam do primeiro quartel do séc. XX, as imagens descritas por Fr. Agostinho provavelmente já não eram as primitivas.

A imagem atual do Menino é um nu totalmente esculpido e encarnado (Fig. 2), enquanto a imagem de vestir da Senhora é de “vestes simplificadas” (sub-tipologia comum sobretudo a partir do século XIX), e terá substituído uma anterior de roca. A sua estrutura apresenta, assim, uma espécie de longo vestido lilás, talhado de forma simples e sem qualquer decoração adicional. Tem articulações nos braços e pintura de carnações apenas no rosto e mãos, sendo o restante corpo todo em lilás. A nuca lisa é pintada de castanho para receber uma cabeleira (Fig. 3). Ambas as imagens têm olhos de vidro, os do Menino azuis e os da Senhora castanhos.

Terão sido realizadas na oficina dos Thedim, de onde saiu a imagem de Nossa Senhora de Fátima, no primeiro quarto de 1900.³

As imagens de vestir são objetos devocionais complexos nos quais convivem escultura, têxteis e joalharia e que se podem dividir em várias sub-tipologias (Quites 2006: 250-257; Pereira 2014: 100-109). São diversas as explicações para o início da prática de vestir santos. Segundo alguns autores, teve origem nos oratórios privados da realeza e aristocracia, passando naturalmente para o seio de igrejas e instituições monásticas (Vega 1994: 247-249; Webster 2004: 260-271)⁴.

Se falarmos de esculturas que inicialmente não eram de vestir, o fenómeno terá começado como resultado da constante oferta de ricos têxteis e jóias, como forma de agradecimento e louvor, que foram sendo gradualmente exibidos nas esculturas como testemunho do seu poder (Genovese 2009: 6). Já as imagens concebidas para serem vestidas, respondem às necessidades do teatro litúrgico e processional, e ao desejo de conceder às esculturas inanimadas, características humanas (Cornejo Vega, 1996: 239-240).

Houve também quem culpou as mulheres por esta prática, como Rodrigo de Moura Telles, Arcebispo de Braga entre 1704 e 1728, que ordenou que as imagens de vestir bracarenses fossem refeitas, proibindo o uso de roupas de forma a “evitar as indecências de que se valia a indiscreta devoção das mulheres” (Maria 1712: 298).

tória não tinha em seus braços ao Menino Jesus, como hoje se vê ter: & este Menino é portátil; & afirmam muitos Religiosos antigos daquela casa, ser tradição, que quando se mudou o título antigo à Senhora, em o título da Saúde, se lhe pusera nesse tempo o Menino em os braços.” (1707 t. II: 35-38).

3 Segundo informação de um antigo Juiz da Irmandade de N.ª S.ª do Castelo.

4 A escultura da *Virgen de los Reyes* da Catedral de Sevilha, do séc. XIII, é a mais antiga imagem de vestir conhecida da Cristandade e foi encomenda do Rei Fernando III de Espanha.



Fig. 4 - Várias sandálias da imagem do Menino Jesus (fotografia de Diana Pereira).



Fig. 5 - Detalhe do manto do “Fato Rico” (fotografia do Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora).

sário e, curiosamente, têm em conta o uso de vestidos mais frescos no Verão e de tecidos mais quentes no Inverno (Gomes 2016, 25 maio: entrevista pessoal).

Quando há uma “muda” só elas estão presentes, e o ritual é sobretudo proibido a homens “porque se trata de despir e vestir uma mulher” (Gomes 2016, 25 maio: entrevista pessoal).

O extenso enxoval destas esculturas é, verdadeiramente, o que outorga valor artístico a estas imagens novecentistas (Fig. 4). É constituído por dezasseis conjuntos⁵ usados no dia-a-dia, quatro conjuntos para as celebrações mais importantes, e um “Fato Rico” usado na procissão.⁶

5 Os conjuntos são constituídos por: vestido e sandálias do Menino Jesus, vestido, manto e véu da Senhora e os cordões ou cintos. A estes adicionam-se ainda punhos e golas de renda, além da roupa interior: camisa e saiote no caso da Senhora e calções e camisa no caso do Menino.

6 Além destes conjuntos, existem em desuso três vestidos sem conjunto do Menino Jesus e três conjuntos completos, expostos num pequeno núcleo museológico no ante-coro da igreja, todos de grande qualidade e atribuíveis aos séc.s XVIII e XIX.

Origens à parte, esta prática permitiu e permite uma maior proximidade e afeto entre a representação da entidade sagrada e o devoto, através do íntimo ato de vestir e do ato de apresentar a imagem com algo “usável”.

Se atentarmos na opinião do Arcebispo Rodrigo de Moura Telles, e na clara evidência de que as imagens mais frequentemente vestidas são da Nossa Senhora e do Menino Jesus, somos levados a entender esta prática como um fenómeno intrinsecamente feminino. A opinião de vários autores que defendem que o costume de vestir imagens do Menino Jesus se deve ao espírito maternal das freiras em clausura (Gonçalves 1967), e o facto do ritual de mudança das vestes de Nossa Senhora estar tradicionalmente circunscrito a mulheres – as “aias” –, parecem comprovar esta circunstância.

Em algumas regiões do país as Aias são regularmente substituídas, mas o caso de Coruche é um dos exemplos em que a Aia é um fator de permanência, o que lhe concede uma familiaridade única com as imagens sacras.

A D. Margarida Gomes (80 anos) é, há cerca de 33 anos, a Aia da N.ª S.ª do Castelo, seguindo uma longa tradição familiar ao exercer este honroso cargo, juntamente com a sua ajudante, a D. Maria do Castelo Lamarosa (68 anos). As duas cuidam de tudo o que concerne ao arranjo da igreja, das imagens da Senhora e do Menino e, claro, das suas vestes.

Mudam-lhes as roupas conforme as festividades religiosas e sempre que acham neces-

Nos dias normais as imagens usam apenas as coroas e dois alfinetes prateados, mas para a procissão adornam-se com ouro, que depois se retira de imediato.

Crê-se que o “Fato Rico” (atribuído ao séc. XVIII), pela sua excecional riqueza e qualidade, terá sido uma oferta real ou de um dos comendadores da vila. Neste conjunto as vestes da Senhora são totalmente bordadas com fio metálico dourado, formando losangos preenchidos por elementos florais (no vestido) e estrelas (no manto) (Fig. 5). No centro do vestido observa-se a representação de um castelo. O vestido do Menino apresenta uma decoração também a ouro, mas mais fluída em ramagens florais, com igual cinto em cordões.⁷

De entre os restantes conjuntos reconhecem-se peças atribuíveis aos séc.s XVIII e XIX, como um peitilho (Fig. 6), ou um conjunto realizado recentemente com recurso ao aproveitamento de um tecido antigo encontrado numa arca. De facto, é comum encontrarem-se reaproveitamentos nestes contextos: um dos fatos de festa é o resultado do “transplante” de um bordado a fio dourado que decorava um vestido antigo, para um tecido recente. Um dos mantos é rematado por uma antiga estola do séc. XVIII (Gomes 2016, 25 maio: entrevista pessoal).

À semelhança das jóias, a maioria das vestes exteriores e interiores foi oferecida por devotos ao longo dos tempos em cumprimento de promessas.

Segundo a atual Aia, não se fazem tantas ofertas como antigamente, mas ainda se doam vestidos de casamento ou da primeira comunhão, brincos, anéis e fios, e sobretudo fitas de seda e cera. Antigamente ofereciam-se cereais, tranças de cabelo, e pregava-se dinheiro no manto processional. No núcleo museológico vêem-se também alguns ex-votos pintados dos séc.s XVIII e XIX e impressionantes centenas de fotografias de soldados do Ultramar, ali deixadas como pedido de proteção.

Há não muitos anos os devotos subiam ao altar para beijar os pés do Menino e as mãos da Senhora e deixavam esmolos num antigo cofre aí colocado, mas essa prática terminou porque “as mulheres deixavam a marca do batom nas imagens”, “como testemunha um par de sandálias do Menino Jesus, cujo tecido bege ainda se vê encardido de vermelho” (Gomes 2016, 25 maio: entrevista pessoal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade do toque para espionar os males e as enfermidades decorre da devoção e da crença do poder taumatúrgico de algumas imagens, que por seu turno é transportado para as suas vestes e outros adornos.

O “Santuário Mariano” providencia-nos inúmeros exemplos que demonstram a crença comum em tais objetos. A propósito da imagem de N.^a S.^a da Porta do Céu de Loulé, conta-se que



Fig. 6 - Peitilho da imagem de Nossa Senhora, atribuído ao séc. XVIII (fotografia de Diana Pereira).

⁷ Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora, n.º CO.JO.4.008 par.



o filho de Diogo Lobo Pereira estava muito doente e sem esperança de recuperação. Na sua aflição, o pai “mandou a toda à pressa buscar um manto dos que se lhe costumam pôr [à imagem da Senhora]. Logo que este veio, e se lhe pôs sobre a cabeça, abriu os olhos, e melhorou com brevidade...” (1718: 409-411).

Seria sobretudo habitual tentar valer-se do contacto com a própria escultura. No capítulo respeitante à Senhora de Flor da Rosa do Crato, Fr. Agostinho conta “que uma mulher, que costumava vestir, e compor a Senhora, padecia uns acidentes cruéis como de gota coral; estando esta vestindo a Senhora deu-lhe o acidente, e com as ânsias se abraçou com a Senhora, e foi ela servida que nunca mais os tivesse, nem os padecesse” (1711: 416-420).

Deste modo, a Aia - dama de companhia - pelo seu constante convívio com a imagem de Nossa Senhora, vestindo-a e dela cuidando, usufrui de infindável proteção.

Bibliografia

- BENTO, Heraldo (2014). O que somos? Como somos?. In CALAIS, Cristina (ed.), *Coruche: o Céu, a Terra e os Homens*. Coruche: Câmara Municipal, Museu Municipal: 27-29.
- CAEIRO, Rosário (2014). O trabalho e a festa: de São Miguel a São Miguel. In, CALAIS, Cristina (ed.), *Coruche: o Céu, a Terra e os Homens*. Coruche: Câmara Municipal, Museu Municipal: 171-205.
- CORNEJO VEGA, Francisco (1996). La Escultura Animada en el Arte Español. Evolución y Funciones. In *Laboratorio de Arte*, 9: 239-261.
- COSTA, P.e Avelino Jesus (1957). A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média. In *Lusitania Sacra*, 2, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa: 7-49.
- FALCÃO, José António (2003). O sagrado e o quotidiano: aspectos do património religioso do concelho de Coruche. In CALAIS, Cristina (ed.), *O Homem e o Trabalho: a magia da mão*. Coruche: Câmara Municipal, Museu Municipal: 92-98: 104-106.
- GENOVESE, Valeria (2009). Note sulla vestizione delle immagini durante el medievo. Prima Parte. In *Jacquard. Pagine di cultura tessile*, 64: 21-24.
- GOMES, Maria Margarida C.; LAMAROSA, Maria do Castelo C. (2016, 25 de Maio). *Entrevista pessoal*.
- GONÇALVES, Flávio (1967). O Vestuário Mundano de Algumas Imagens do Menino Jesus. In *Revista de Etnografia*. V. IX, t. 1, Porto, Museu de Etnografia e História: 5-34.
- MALTA, António Gil (2005). *O Historial do Santuário de Nossa Senhora do Castelo da Vila de Coruche*. Coruche, Irmandade de N.ª S.ª do Castelo de Coruche.
- MARIA, Fr. Agostinho de Santa (1707-1718). *Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de N. Senhora*. T. I-VI. Lisboa, na Officina de Antonio P. Galram.
- PEREIRA, Diana Rafaela M. (2014). *Imagens de Vestir em Aveiro. A Escultura Mariana do século XVII à Contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP sob orientação de Nuno Resende. Porto.
- QUITES, Maria Regina E. (2006). *Imagens de Vestir: Revisão de Conceitos através de Estudo Comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*. Tese de Doutoramento apresentada à UEC, sob orientação de Luciano Migliaccio, Campinas.
- RIBEIRO, Margarida (1959). *Estudo Histórico de Coruche*. Coruche. Câmara Municipal.
- SILVA, Mário Justino (2013). *Coruche: memória, culto e identidade*. s.l., s. n.
- VEGA, Jesusa (1994). Irracionalidad popular en el arte figurativo español del siglo XVIII. In *Anales de Literatura Española*, 10: 237-273.
- WEBSTER, Susan (2004). Shameless Beauty and Worldly Splendor on the Spanish Practice of Adorning the Virgin. In THUNO, E.; WOLF, G. (ed) *The Miraculous Image in the Late Middle Ages and Renaissance*. S.l, L'erma di Bretschneider: 249-271.